

"A proposta Larida não é convincente"

Simonsen — Eu acho que como transição a proposta Larida tem muitos méritos. Ela significa, em essência, estabelecer os reajustes automáticos de preços e salários em OTNs, o que significa usar como unidade de conta a OTN, embora a unidade monetária continue sendo o Cruzado. Há um problema técnico aqui. A proposta tem que tomar o cuidado de não deixar que os depósitos à vista bancários também se tornem depósitos em OTN, sob pena de reeditar a famosa experiência do péndulo na Hungria, em 1946, quando a inflação bateu o recorde da inflação alemã de 1923. Mas isso é uma tecnicidade que pode ser resolvida facilmente. O problema prático é que com a proposta Larida você não tem realmente como controlar todos os preços da economia. Os empresários estão esperando de fato um congelamento e não uma otentização. O projeto Larida é visto para durar um prelúdio, ou seja, 15 minutos, porque logo virá o congelamento. Embora a proposta Larida tivesse méritos em outras circunstâncias hoje ela não é absolutamente muito convincente.

Edmar Bacha — O problema da proposta Larida é saber o que acontece depois que você otentiza a economia. O André e o Pêrisso põem a questão como "aí você indexa a moeda", mas na verdade isso põe em pauta um problema que até agora, rica como está em discussão, não foi ainda enfrentado de frente que é o problema da crise fiscal que está aí. A opção por choque ou gradualismo, no meu entender, depende do que você acha que tem que fazer em relação ao ajuste fiscal. Se você acha que o ajuste fiscal só é possível fazer ao longo de um período gradual de tempo, não vamos nos meter a fazer. O choque heterodoxo é num curto período de tempo. Nesse caso vamos pensar em propostas de desindexação parcial, que eu concordo são de mais difícil controlabilidade do que a desindexação total. Mas temos de saber, na questão fiscal, se o governo brasileiro está disposto a controlar o seu gasto. Acho que hoje um dos pontos mais críticos que temos no país é essa decisão do

presidente Sarney de ir em frente com a ferrovia Norte-Sul, inclusive lamentavelmente assinada pelo Dilson Funaro, que perdeu uma boa oportunidade de ter saído sem assinar. Esse vexame público é de tal ordem que eu proporia de público que o presidente Sarney suspendesse o início da construção da ferrovia e convocasse um painel de experts, com x, para se pronunciarem para que de fato a Nação se convencesse de que essa estrada não é uma tolice monumental que ela aparenta ser. Eu acho que pensar em controlabilidade de qualquer outro aspecto da vida econômica brasileira, quando o governo se propõe a fazer esse que aparenta ser o maior dos elefantes brancos do país, é inviável.

Rogério Werneck — Eu acho que há um problema mais geral. E é um fato alvissareiro o ministro Bresser Pereira assumir o governo dizendo que não quer ser um ministro popular. Isso é uma grande novidade. Há uma crise mais profunda na crise fiscal brasileira. Trata-se do comportamento persistente dos vários grupos que compõem a sociedade de enfrentar o que os economistas chamam de jogo de soma zero. Ou seja, jogos, situações de barganha em que quando uma parte ganha a outra perde. São situações muito comuns na vida econômica. Mas aqui quando uma parte percebe que vai perder logo tem alguém brilhante com a idéia: quem sabe se o estado paga a conta? Enquanto isso não for cortado não vamos conseguir avançar.

Paul Singer — Eu estou bastante convencido de que o choque Larida não é uma solução para a questão inflacionária. A proposta Larida, tanto quanto o choque heterodoxo do Plano Cruzado, pressupõe que os preços estejam em equilíbrio, ou seja, que a média dos preços e a média dos salários refletam um certo nível de aceitação das diferentes classes sociais. Me parece muito claro que essa não é a situação brasileira, sobretudo agora. Ao contrário, houve uma brutal redução dos salários reais, com uma retomada extremamente forte da inflação de janeiro para cá. Os

trabalhadores não estão pedindo exclusivamente o gatilho, eles querem reposição salarial. Portanto, o conflito é distributivo. A meu ver, o negócio teria alguma viabilidade se houvesse uma tentativa de chamar as partes para um pacto, através de uma proposta de redução gradual da inflação com a redistribuição de renda.

Simonsen — Eu coloco uma questão mais de fundo: até que ponto o governo hoje no Brasil tem qualquer capacidade de administrar o conflito distributivo? A minha impressão é de que não tem. O governo administra o conflito distributivo com inflação. Exatamente naquela imagem do jogo de soma zero, feita pelo Rogério, o governo se coloca como se ele fosse capaz de transformar o jogo de soma zero num jogo de soma infinito. Me parece que um ataque mais frontal a esse conflito distributivo precisaria em primeiro lugar contar no Brasil com instituições mais claras para que a sociedade pudesse realmente administrar esse conflito de uma maneira que ele fosse resolvido de uma forma ou de outra, e não pela simples criação de inflação.

Edmar Bacha — Eu só queria alertar um ponto: eu sou favorável a que o Banco Central tivesse muito mais independência do que tem hoje em dia. Mas é preciso advertir, Mário, que nós não estamos na Suíça. Eu estou voltando da Venezuela, onde passei 16 horas, e o Banco Central deles foi administrado por uma pessoa conhecida lá como Búfalo que ao longo do período de 78 a 82, do alto de sua independência e ignorância, decidiu que a maneira que ele tinha para controlar a oferta monetária era reduzir a taxa de juros internos para que se tornasse mais atrativo para os venezuelanos aplicar a sua poupança não em títulos internos, mas em títulos externos. Ele promoveu a fuga de capitais para poder controlar a oferta de moeda. E, como ele tinha um mandato que aparentemente não era sujeito a questão — ele era nomeado pelo presidente, aprovado pelo Senado com

mandato de 4 anos — continuou fazendo essa política. Até que entrou um novo presidente e num ato claramente ilegal, mas que a Suprema Corte Venezuelana depois tornou legal, o demitiu sumariamente. Então, precisamos ter preocupações desse tipo para o caso de uma loucura eventual de um Búfalo que não caiu.

Francisco Lopes — Nós já tivemos alguns experimentos de tentar mudar instituições no executivo. Por exemplo, a conta movimento, aparentemente, teria resolvido alguns problemas depois da decretação de seu fim. Acho que aí tem o problema do ovo e da galinha. Talvez a instituição que a gente precisaria fortalecer de certo modo é a própria estabilidade da moeda, o que permite a explicitação do conflito e a sua solução efetiva.

Simonsen — Tem um grande risco de aí você querer fazer a estabilidade antes de ter resolvido os focos de conflito distributivo e de solução da inflação.

Lopes — Mas a solução é política. Eu acho que nós temos dois problemas. Um problema é identificar o conflito realmente, e a solução é política. O que a inflação não nos permite é identificar claramente o conflito.

Márcio Fortes — Eu queria dizer que apesar de tudo, os instrumentos de que dispomos hoje são muito mais avançados, muito mais práticos do que eram antes da edição do Plano Cruzado. Estou certo de que o ministro Bresser Pereira tem condições de exercer a sua autoridade, que é única no plano da economia. Da mesma forma, espero que o Banco Central tenha também essa autoridade e dê mais um pouco de durabilidade no exercício de suas coisas. Acho que o ministro Funaro sofreu muito no final pelo seu próprio modo de fazer, muito pessoal, passando pelo crescimento das instituições. Talvez fosse necessário para editar o Plano Cruzado, como foi feito. Mas depois, com a volta a uma realidade de mercado, se tornou muito indesejável.